

SOBRE JOÃO CABRAL DE MELO NETO E MAIS: UM DEPOIMENTO

HELENO GODOY*

O nome do poeta João Cabral de Melo Neto não me era desconhecido quando, a partir de 1960, passei a encarar a poesia, particularmente, e a literatura, em geral, como algo definitivo em minha vida. Embora uma ou outra pessoa falasse de Cabral e eu lesse alguns de seus poemas e também referências ao seu nome e à sua poesia, por exemplo, no “Suplemento Literário” de *O Estado de São Paulo* ou no “Suplemento Dominical”, do *Jornal do Brasil*, nunca havia lido um livro inteiro do poeta. Nas livrarias de Goiânia, em Goiás, naquela época, os livros não chegavam ou chegavam muito depois de serem lançados nos grandes centros. Embora a situação aos poucos melhorasse, a partir do início da década de 60 ainda carecíamos de atualizações editoriais.

Não foi só através de livros que os então escritores jovens de Goiânia, meus contemporâneos, tomavam conhecimento de novos nomes e novas obras da literatura brasileira, mas através de grandes jornais nacionais, que passaram aqui a ser distribuídos diariamente. Se não chegavam logo cedo, de manhã, chegavam um pouco mais tarde, mas antes do meio-dia (sobretudo aos domingos) já era possível comprar jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Através desses jornais, aqueles que por aqui se interessavam por literatura passaram a saber das novidades, conhecer autores novos, saber o que faziam os autores de renome, tanto nacionais quanto estrangeiros. Duas outras publicações foram também importantes: a *Revista Leitura*, regularmente vendida em bancas de jornal, fundada pela Editora Leitura na década de 40, mas com duração até 1968; a revista *Cadernos Brasileiros*, fundada em 1959, com duração até 1970, dirigida por Afrânio Coutinho,

* Poeta, contista, romancista, ensaísta e professor titular aposentado da Universidade Federal de Goiás/ UFG, Goiânia, Goiás, Brasil.
E-mail: hgodoy@brturbo.com.br

e que teve em sua redação, por algum tempo, Nélida Piñon; ela começava sua carreira literária. Li pela primeira vez sobre Evgeny Evtuchenco em um ensaio de Pierre Forgues (“Evtuchenco e os novos poetas”) no número 3 de *Cadernos Brasileiros* (ano V, p. 57-73, 1963), exemplar que guardo até hoje, entre vários outros da revista. Posso acrescentar a essa lista a primeira fase da *Revista Civilização Brasileira*, publicada por Ênio Silveira, a partir de março de 1964, e que trazia a poesia “engajada” de Moacyr Felix, Ferreira Gullar, José Godoy Garcia e alguns outros. Em todas elas, novos poetas e poesia nova apareciam.

Pois bem, entre os nomes com os quais passei a ficar familiarizado e a conhecer estava o de João Cabral de Melo Neto, uma novidade para mim, estudante secundarista, que havia saído do internato, em um colégio de Goiânia, para cursar o segundo grau em um colégio estadual e a morar num quarto de hotel (depois, em república de estudantes). Sem dinheiro, a não ser para coisas básicas, uma das minhas diversões era andar pelas livrarias existentes na cidade. Poucas, é claro, e nem era preciso andar muito para estar em todas elas, pois se concentravam no centro de Goiânia, entre as avenidas Araguaia e Goiás, junto à praça do Bandeirante, e entre as ruas 3 e 4. Praticamente, só três: o Bazar Oió (de Olavo Tormin; primeiro na av. Anhanguera, depois na av. Goiás), a Livraria e Bazar Municipal e a Livraria Brasil Central (dos irmãos Resende, primeiro na rua 4, depois na rua 3). Outras apareceram depois, mas essa é outra história, não para agora. Se frequentava todas, minha preferida era o Bazar Municipal, fundada pelo Sr. Francisco Ribeiro Scartezini. Na época em que eu lá ia, administrava-a seu filho, Antônio Carlos Scartezini. De tanto me ver olhando livros (e também lendo e, muito raramente, comprando um livro barato, quando havia oferta ou queima), acabou por me perguntar se eu era escritor ou queria ser escritor, se escrevia poesia ou prosa. Depois de minhas respostas afirmativas, disse-me que pensava, com outros escritores jovens, fundar uma espécie de “academia de letras”, para a qual me convidou. Aceitei, claro, mas esse grupo não sobreviveu nem por um ano. Nem por isso deixei, no Bazar Municipal, de passar longas horas lendo livros que não podia comprar. Foi lá também que conheci alguns vultos importantes da vida

cultural goianiense: a pianista Belkiss S. Carneiro de Mendonça, o romancista Eli Brasiliense, o poeta Jesus Barros Boquady, entre outros.

Num dia de 1961, mais provavelmente no começo de 1962, vi finalmente que um livro de João Cabral de Melo Neto havia chegado. Abri o livro, folhei suas páginas, aos poucos comecei a ler os poemas. Era, só pode ter sido, se a memória não me trai, *Terceira feira*, uma reunião de três livros de Cabral: *Quaderna*, *Dois Parlamentos* e *Serial*. Os dois primeiros livros eram inéditos no Brasil, pois haviam sido publicados o primeiro em Portugal e o segundo em Madri, ambos em 1960; *Serial* era obra nova. O volume apareceu sob o selo da Editora do Autor, fundada por Ruben Braga e Fernando Sabino. *Terceira feira* me acompanhou por semanas, eu indo ao Bazar Municipal alguns dias, em outros dias a outras livrarias, em outros dias a nenhuma, pois tinha de estudar, mas sempre achando um tempo para voltar ao livro do Cabral. Sorte minha que o livro, em seus poucos exemplares, não vendeu bem, o que propiciava e facilitava minha leitura, embora estivesse interessado em outros livros e autores também. Estava com o livro de Cabral nas mãos, uma vez, quando o Antônio Carlos Scarcezini apresentou-me a uma freguesa que chegara, Violeta Metran, na época casada com Bernardo Élis, de quem se divorciou muitos anos depois. Já conhecera Bernardo (no Bazar Oió), de quem mais tarde me tornei amigo. Quando Violeta Metran viu qual livro tinha nas mãos, perguntou-me se gostava da poesia de Cabral, sem prestar atenção ao que respondi, pois foi taxativa em afirmar em seguida, lembro-me bem: “Eu não gosto da poesia dele, é uma poesia feia, não tem linguagem bonita.”

Foi uma afirmação e tanto, embora Violeta tivesse o direito de dizer o que disse, pois o verbo que utilizara fora “gostar”. Ela não disse que Cabral “era” mal poeta ou que sua poesia era “ruim”. Disse apenas que não “gostava” da poesia dele. No entanto, aquela afirmação despertou em mim um interesse especial. Eu estivera lendo aquele livro de forma errática mas intermitente há dias e ouvir aquele “não gosto”, seguido da afirmação de que era uma “poesia feia” (e Violeta acentuara bem esse “feia”), aguçou mais ainda minha curiosidade. Por qual razão aquela poesia seria “feia”, sem “linguagem bonita”? Isso tinha a ver com o que eu andava fazendo e

tentando escrever e o que me parecia ser importante era considerado por Violeta Metran como feio, não dotado do que poderia (ou deveria) ser bonito? Afinal, o que poderia ser poesia feia ou poesia bonita? O que lia em jornais e revistas era feio, sem linguagem bonita?

A poesia de Cabral chamou minha atenção por muitas razões. Será que eu gostava do que era feio, do que era destituído de linguagem bonita? Fiquei a matutar sobre o que lia em revistas, suplementos de jornal e livros. Havia coisas de que gostava, outras de que não gostava; coisas que achava bonitas enquanto linguagem e outras, feias. Gostava de ler Fernando Pessoa, Bandeira, Drummond, Jorge de Lima e outros, sabendo que eles eram diferente de Cabral, mas jamais achando que a poesia de Cabral fosse feia. O que me parecia diferente nos poemas de Cabral era exatamente a linguagem precisa, sem excessos, em que nada parecia (ou aparecia) ao acaso, uma linguagem utilizada com objetividade, que não perdia tempo em usar formas ou palavras gastas, repetitivas, uma poesia que era quase sem adjetivos e advérbios, só quando necessários – uma poesia que não facilitava a vida do leitor, mas o recompensava, pois o obrigava a pensar, não apenas a sentir, ter emoção com os poemas. Mas passados tantos anos, será que pensei isso naquela época ou foi anos depois, quando finalmente minha decisão de me tornar escritor não mais podia ser freada? Em 1963, comecei a publicar em jornais e passei a integrar o Grupo de Escritores Novos-GEN, do qual fui o último presidente. Daí em diante, tomei conhecimento, em primeiro lugar, do Concretismo, em seguida, da Instauração Praxis e, juntamente com outros poetas meus amigos, passei a integrar o Projeto Praxis de Goiás, em sintonia com o de São Paulo, com correspondência mantida, por um certo tempo, além de Mário Chamie e Antonio Carlos Cabral, de São Paulo, com poetas cariocas, como Armando Freitas Filho, Mauro Gama e Carlos Rodrigues Brandão, este um amigo pessoal dos outros dois e que acabou por se mudar para Goiânia.

Entre 1961-1962 e os anos do GEN (1963-67), muitas coisas aconteceram, entre elas o golpe militar e o começo da ditadura no Brasil. O sufoco cultural implantado no país não impediu que os escritores novos de Goiás, em Goiânia, como de resto em todo o Brasil, se dedicassem com

afinco à busca de novos parâmetros e novas linguagens, já que elas apareciam e aconteciam, com e apesar da ditadura. É claro que também havia aqueles que buscavam uma poesia tradicional, ligando-se mais à Geração de 45 do que às vanguardas. Às duas correntes ou tendências que se apresentavam como possibilidades, o Concretismo (desde meados da década de 50) e a Instauração Praxis (uns dois anos antes mas, principalmente, a partir de 1962), juntaram-se outras posteriormente, como o Poema Processo. Se o primeiro não oferecia um contexto para as possíveis críticas sociais possibilitadas à poesia, a Instauração Praxis casava bem com a preocupação geral, de alguns escritores novos brasileiros, de fazer uma poesia “engajada”, como tanto se repetia (e até se exigia) Brasil afora. A publicação de *Violões de Rua* (1962) havia sido uma espécie de resposta ao formalismo considerado puramente estético do Concretismo, acusado de alienação por quase todo mundo. A publicação, pela Editora Civilização Brasileira, de três volumes de poesia que se queria de vanguarda, mas não formalista, se assentava em pressupostos tidos, na época, como “engajados”: a poesia deveria ser popular mas revolucionária, ideologicamente humanista e dedicada à desalienação do povo, resultando disso obras que se pretendiam de denúncia social e desmascaramento da burguesia e das forças totalitaristas que apoiavam a ditadura – assim esperava-se que poetas escrevessem poesia revolucionária quanto ao conteúdo, não quanto à forma. Até Ferreira Gullar, que havia espantado e sacudido a poesia brasileira com seu *A luta corporal*, em 1954 (que conheci e li bem depois da publicação), havia aderido às formas da poesia popular e se dedicado à poesia de cordel (que posteriormente abandonou, ainda bem!), e isso depois de ter flertado com o Concretismo de Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari, e se integrado ao Neoconcretismo, movimento de vida curta (1959-61) e essencialmente carioca (via “Suplemento Dominical”, do *Jornal do Brasil*), cujos melhores frutos, para mim, ainda são as obras de Lygia Pape, Hélio Oiticica e Lygia Clark.

Para alguns escritores jovens de Goiânia, a possibilidade de uma poesia engajada era impossível – essa tendência predominava entre poetas do GEN, por exemplo. Para outros (e a maioria deles não pertencia ao

GEN), essa tendência ao engajamento era a única forma possível. Minha imaturidade, na época, fazia-me oscilar entre uma coisa e outra, queria ora acompanhar uma, ora outra tendência. Por volta de 1965, já tinha três livros de poesia prontos e não publicados (nunca foram, pois me desfiz deles). Eles refletiam minhas influências de então: Bandeira, Drummond, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Fernando Pessoa, já os mencionei. Mas foi aí, em 1966, que chegou às livrarias de Goiânia o último livro de João Cabral de Melo Neto, *A educação pela pedra*, em segunda edição (ou tiragem), já que o livro fora um sucesso enormemente elogiado por críticos e ganhara vários prêmios.

Desta vez comprado e lido em casa, não em livrarias, o livro revelou-me o tipo de literatura que me interessava: uma poesia que se debruçava sobre si mesma, discutia-se a si mesma, dizia o que interessava a quem estava à esquerda ou à direita, sem fazer concessões a nenhuma parte, mantinha quase a mesma forma em todos os poemas, ampliava e estendia o domínio da linguagem para um controle mais do que absoluto de seus meios de expressão. Não tenho explicação para isso, mas Cabral me ajudou muito a me dedicar a uma constante em minha poesia, a escrita sob rigoroso controle, das formas elaboradas, do rigor da construção. Nunca gostei de poesia descuidadamente escrita, sem revisões, sem controle do verso e das formas. Não acredito em poesia inspirada e que brota espontaneamente; acredito apenas e tão somente em poesia trabalhada, suada, sofrida em sua trajetória até sua forma final.

Era o que havia descoberto com e através das ideias teóricas de Mário Chamie, depois de ler alguns escritos dele no “Suplemento Literário” de *O Estado de São Paulo*, e em seu livro *Lavra lavra*, de 1962, que trazia, no fim, o famoso “Manifesto didático”. Manter correspondência com Chamie ampliou o conhecimento da teoria sobre a Praxis e o trabalho que estava sendo desenvolvido por autores que integravam a instauração e publicavam na *Praxis, revista de instauração crítica e criativa*, cujo primeiro volume saiu em 1962 e, o quinto e último, em 1966. Data da mesma época meu conhecimento de *Invenção, revista de arte de vanguarda*, publicado pelos concretistas, cujo primeiro número apareceu em 1962; o quinto e último,

em 1967. Cassiano Ricardo, depois do sucesso de *Jeremias sem-chorar*, de 1964, neste mesmo ano publicou suas ideias teóricas em *Algumas reflexões sobre poética de vanguarda*. Depois, em 1966, Cassiano também publicou *Poesia praxis e 22*, depois de haver publicado, em 1962, no primeiro número da revista *Invenção*, já mencionada, sua conferência “22 e a poesia de hoje”, juntamente com outra, de Décio Pignatari, “Situação atual da poesia no Brasil”. Os dois textos haviam sido apresentados no II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, que acontecera em Assis-SP, em julho de 1961. Em 1967, pela Editora Praxis, Antônio Carlos Cabral publicou seu *Texto práxis – novos dados críticos*. Em 1968, o grupo praxis de Goiânia publicou *Projeto Praxis 1*, revista que não sobreviveu além desse primeiro número. No ano anterior, 1967, com a publicação de seu *Indústria*, Mário Chamie veio a Goiânia. Em 1968, já estudante universitário, publiquei meu primeiro livro de poemas, *Os veículos*, mas só em 1985 voltaria a publicar outro livro de poemas, *fábula fingida*. Entre esses dois anos, publiquei um romance, *As lesmas* (1969) e um livro de narrativas, *Relações* (1981). Entre um livro e outro, desenvolvi minha vida acadêmica. Expulso da Faculdade de Artes da UFG em 1968, recomecei minha vida acadêmica fazendo o curso de letras (português-inglês) na hoje PUC-GO, onde me tornei professor em 1976 (até 2008); tornei-me professor titular de literatura inglesa na Faculdade de Letras da UFG, no início da década de 90, onde me aposentei em 2015.

Qual a razão de entre um primeiro livro de poesia e um segundo terem se passado dezessete anos? É aí que entra João Cabral de Melo Neto.

Se em 1961 ou 1962, a leitura de *Terceira feira* (Quaderna, Dois Parlamentos e Serial) havia despertado em mim a vontade de uma poesia diferente, nova enquanto linguagem, até feia, se necessário, a leitura de *A educação pela pedra*, em 1966, abriu minha cabeça para uma poesia “organizada”, mesmo se eu não soubesse bem o que isso pudesse (ou poderia) ser, nem como usar a lição em minha poesia. A organização e estrutura do livro confirmou, para mim, que o caminho a ser seguido era, deveria ser, aquele. Mas ser um poeta fortemente influenciado por Cabral também não era uma opção. Eu já lera alguns poetas que escreviam sob essa

influência, tinha até proximidade com ao menos uns dois deles. Não era, parecia-me, um caminho a ser seguido, embora também tivesse praticado meus poemas cabralinos. Já afirmei antes e repito isso aqui, Cabral empurrou-me, levou-me para a Instauração Praxis, e se essa opção levou-me a ser influenciado pela poesia práxis e linguagem de Mário Chamie, foi por me parecer este o melhor rumo a seguir. Assim, ao querer fugir de uma influência, acabei por aceitar outra. A publicação de *Poesia completa*, de Cabral, em 1968, pela Editora Sabiá, permitiu-me o conhecimento de tudo aquilo que o poeta pernambucano escrevera até então. Foi nesse livro que li pela primeira vez o “Psicologia da composição”, de cuja sexta parte retirei um mote que tem norteado minha vida como poeta, e que resumo aqui: “não a forma encontrada, não a forma obtida, mas a forma atingida”. É isso o que me fez e ainda faz continuar tentando. A minha não foi uma recusa da poesia de Cabral, mas a busca de uma outra influência que me possibilitasse, um dia, encontrar a minha própria linguagem. Talvez tenha pensado, em 1966 e aos vinte anos, que essa seria uma opção fácil. Não foi, pois me obrigou a um lento e difícil, muito difícil caminho em direção a mim mesmo e à minha linguagem. Essa a razão de ter demorado dezessete anos entre a publicação de meu primeiro e de meu segundo livro de poemas. Mas Cabral esteve sempre por perto, de qualquer forma, o que pode ser comprovado pelos três poemas de “o navio”, de *Os veículos*, escritos “homenageando João Cabral de Melo Neto”. Ademais, entendi que ser um poeta apenas influenciado por Cabral me levava à repetição, enquanto a opção pela Instauração Praxis abria-me a necessidade e a possibilidade da renovação, da testagem de novas experimentações, sobretudo da busca de superações.

Mas o intervalo de dezesseis anos entre um livro e outro serviu para mais coisas, entre elas a de tentar me livrar da linguagem de Mário Chamie em *Lavra lavra* e *Indústria*, influências norteadoras de meu livro *Os veículos*, de 1968. Escrever e publicar *fábula fingida* permitiu-me o encontro de uma linguagem que acredito própria, minha, mesmo se influências sejam nela palpáveis aqui e ali no livro, embora todas conscientemente usadas e, acima de tudo, manipuladas. Volto a repetir o que já afirmei em outras oportunidades, não “sofro minhas angústias da influência”, pelo contrário,

orgulho-me delas e não as nego, nem tento escondê-las – se o fizesse, aí sim, demonstraria sofrer com e por causa delas. Tanto que meu livro de poemas seguinte, *A casa*, de 1992, de certa forma foi, propositadamente, um retorno a Cabral, embora a linguagem do meu livro não seja a dele. Preciso apenas insistir que Cabral não é o único em minha constelação de poetas fortes, meus antecedentes. Há uma lista enorme de poetas a quem devo minha formação e minha aprendizagem: Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, talvez Cecília Meireles também, pois me ensinaram a amar e a respeitar a poesia. A eles juntei João Cabral e Mário Chamie. Depois e ainda, alguns poetas de língua inglesa, Marianne Moore, principalmente (que não conheci através de Cabral), Wallace Stevens, William Carlos William, William Butler Yeats, todos por causa de minha formação acadêmica, por minha licenciatura em português-inglês e literaturas correspondentes, e também meu mestrado e meu doutorado em inglês e literaturas de língua inglesa. Mas, devo ainda acrescentar, sem influência de Francis Ponge, que só conheci e li depois que passaram a me perguntar se eu era influenciado por ele, por causa de sua poesia antilírica, sua poesia de ou das coisas. Se há algo de sua obra na minha (e continuo achando que não tem), veio através de Cabral. Minha formação e interesses acadêmicos localizaram minhas leituras muito mais na área das literaturas de língua inglesa. Interessa-me a ficção francesa, não especificamente sua poesia, embora a conheça.

É essa, acredito, a importância da poesia de João Cabral de Melo Neto em minha poesia. Pelo bem ou pelo mal, ele foi (continua sendo) uma força poderosa em minha formação e educação poética. Reconheço em *A educação pela pedra* a grande “educação” que tive para a poesia, e se ela me levou à Praxis, não foi por desprezá-la, mas por Chamie me haver proporcionado um rumo, além de um novo caminho: o livro como um projeto inteiro, nunca um ajuntamento de poemas; uma estrutura ou uma construção programada; a busca de uma linguagem pessoal, sóbria, objetiva e objetivada, vinculada a um compromisso. E também, é claro, “feia”, “sem linguagem bonita”! Mas isso está em *A educação pela pedra*, não só em *Lavra lavra* e *Indústria!*, exclamará alguém. Claro!, exclamarei concordando,

mas insisto que, sem Cabral, não teria encontrado o caminho que encontrei, nem a linguagem que tornei minha e com a qual enfrento a poesia escrita no mundo. Ademais, nem todos os outros livros de Cabral, anteriores e posteriores, são tão programados quanto *A educação pela pedra*.

Se, já disse isso antes, amo a poesia de Manuel Bandeira acima de todas as outras, e a de Jorge de Lima logo depois, é em Cabral e em Chamie que encontro alento para continuar: o primeiro me abriu o caminho, o segundo deu-me um rumo, e faço uma diferença entre uma coisa e outra: o caminho é uma possibilidade; o rumo é a realização. Muitos outros poetas descobri e passei a conhecer, eles podem, de vez em quando, aparecer em um ou outro de meus poemas – um insuspeito romântico russo, Mikhail Liérmontov (1814-1841), uma estranha australiana, Dorothy Porter (1954-2008), um grande poeta irlandês, Michael Hartnett (1941-1999). Se procurarem, encontrarão todos eles em minha poesia, de uma forma ou de outra. Com certeza, ainda outros poetas mais. Se não encontrarem é por ter eu disfarçado bem, filtrado melhor ainda, e tornada linguagem minha, a influência que me veio deles todos.

Mas é João Cabral de Melo Neto e Mário Chamie que encontrarão mais que todos os outros poetas, pois nunca, espero, esconderei a influência que tiveram e ainda têm em minha poesia. A verdade, também insisto em dizer, é que não tenho nenhuma preocupação de me livrar dessas duas influências – elas me são benéficas, muito benéficas, pois me obrigam a estar atento à minha linguagem, abrindo-me ou encontrando-me os caminhos, determinando-me os rumos.

Goiânia, 4-7 de dezembro de 2017.

.....

Submetido em 8 de dezembro de 2017

Aceito em 10 de janeiro de 2018

Publicado em 30 de julho 2018
